

Ataíde Oliveira

MONOGRAFIA DE ESTOMBAR



ALGARVE EM FOCO
EDITORIA

ATAÍDE OLIVEIRA

MONOGRAFIA
DE
ESTOMBAR
CONCELHO DE LAGOA

Obra patrocinada pela
Câmara Municipal de Lagoa,
pela Junta de Freguesia de Estombar
e pela Região de Turismo do Algarve

ALGARVE EM FOCO
EDITORA

A foto da capa foi-nos cedida
pela Câmara Municipal de Lagoa

ALGARVE EM FOCO
EDITORA
Rua Humberto Delgado, 44-46
8000 FARO

NOTA PRELIMINAR

Assiste-se hoje, a uma ruptura com valores tradicionais, ao aparecimento de novos valores, à perda de referências culturais e, cada vez mais, nos vimos permeabilizar por valores a que, muitas vezes, somos alheios. Surge, assim, a necessidade de desenvolver a nível da Câmara Municipal de Lagoa, acções várias de protecção e divulgação do nosso património histórico-cultural.

Vivificar o património é redescobri-lo e dá-lo a conhecer. Nesta medida, considera-se da maior importância a actividade editorial.

A reedição desta *Monografia de Estombar*, da autoria de Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, Doutor em Teologia e Direito, jornalista e escritor, nascido em Algoz em 1842 e falecido em Loulé em 1915, enquadra-se no referido objectivo.

Para o efeito, a Câmara Municipal de Lagoa aderiu à iniciativa da Editora Algarve em Foco, a qual vem empreendendo a tarefa extraordinária de reeditar os diversos trabalhos de Ataíde Oliveira. É assim que, neste ano de 1987 e após o patrocínio conjunto a outras duas obras do mesmo autor — *Monografia de Porches e Romanceiro e Cancioneiro do Algarve* —, esta Câmara Municipal, em conjunto, mais uma vez, com a Região de Turismo do Algarve, e, desta feita, também, com a Junta de Freguesia de Estombar, adere ao patrocínio desta reedição que certamente contribuirá como uma das fontes de consulta para a história local, que, hoje tão justamente, com o ressurgimento do Poder Local, vem despertando o mais vivo interesse, quer nas populações, quer nos estudiosos.

A história local muito deve a Francisco Xavier de Ataíde Oliveira. Na realidade ele, como diz Manuel Viegas d'Olival, no jornal "O Primeiro de Maio", de 2 de Dezembro de 1915, "consumiu o melhor do seu tempo em sondar o passado e nessa sondagem empregou devotadamente o melhor do seu talento todo ele dedicado à sua querida província". Não pode, pois, esta Câmara Municipal deixar de prestar homenagem a Ataíde Oliveira por nos ter privilegiado com monografias de duas localidades do concelho de Lagoa — Porches e Estombar. O amor ao Algarve patenteado por tão dedicado homem de letras tem de merecer de nós uma palavra de grande reconhecimento e agradecimento e reeditar a sua obra, supomos, é a melhor forma de retribuir tão sublime sentimento.

Bem sabemos que a freguesia de Estombar, hoje, é diferente da paleta apresentada por Ataíde Oliveira, contudo, certamente, muitos dos leitores desta Monografia irão recordar e redescobrir em cada canto aquilo que nela nos é descrito com extraordinária minúcia. Provando, aliás, algumas destas mudanças, o poema "Sorrisos do Rio Arade", inédito de A. E. Mourinho, escrito em 1973, desenha-nos mais algumas povoações e facetas desta singular freguesia:

O Arade anda inconstante,
Numa correria louca,
De Silves p'ra Portimão,
de Boina p'ra Odelouca.

Pelas hortas e pomares,
Vem correndo, a saltitar,
A beijar os campos férteis,
Para no mar se lançar.

Abraça a ilha bucólica
Da Senhora do Rosário,
Onde um dia as caravelas,
Fizeram seu estuário.

Junto à Velha das Castanhas
Balouça os pescadores
E também nas penedias
Acena para os pastores.

Cumprimenta a velha Estombar,
Que de longe o vê passar;
Diz que a conhece de há muito,
Dos tempos de Ibne Ammar.

Abraçando a Mexilhoeira
E beijando Ferragudo,
O seu marulhar tem graça,
Tem poesia, tem tudo.

O Parchal é a mais jovem,
Das terras que ele namora,
Faz-lhe adeus, e vai andando
Pelas suas margens fora.

Junto à foz, bem junto à barra,
Os molhos querem prendê-lo;
Têm pena do Arade,
Pois receiam ver perdê-lo...

O texto que se segue é facsimilado, somente tendo sido acrescentado um acervo actual de fotografias devidamente legendadas pelo acidental autor destas linhas.

Estombar, Setembro de 1987

José Inácio Marques

Vereador do Pelouro da Cultura
da Câmara Municipal de Lagoa

CAPITULO V

Shombos — Estombar

ABENABECI

O auctor do curioso livro — *Os Luso-Arabes* — referindo-se a uma visita de Ibn-Ammar a sua mãe Shemsa, que residia em Shombos — a Estombar de hoje — apenas alude á aldeia, chamando-lhe *pequena povoação*. Era portanto Shombos, ahí pelo seculo XI, uma pequena aldeia, embora defendida por um castello. Seria este castello fundação arabe? A' falta de documentos, que nos forcem a dar uma resposta, parece-nos dever optar pela opinião que o considera fundação mourisca, quando entre os diversos Vice-Reis, Governadores ou Walis, se achou o Algarve dividido. Parece que entre os reis de Silves, Ossonoba e Tavira, não reinou sempre grande confraternidade; e na nossa historia ha um facto que bem denota que os reis de Silves e de Tavira, apesar de fieis mussulmanos, não se estimavam: este facto foi a permuta entre o rei de Silves e D. Paio com relação aos castellos de Alvôr e de Estombar pelo de Cacella, como adiante narraremos.

O castello de Estombar com o nome — Abenabeci — começa-nos a ser conhecido por occasião da conquista da cidade de Silves por D. Sancho I, em 1189. Nenhuma memoria faz delle menção, quer no periodo

Wisigothico, quer no romano. Se ainda existisse, os entendidos podiam talvez pelo seu sistema de edificação e de construcção averiguar quem o edificara e construiu.

Escrevem os nossos cronistas que o castello Abenabeci fôra conquistado por D. Sancho I, mas não são concordes em designar o dia e mês em que elle foi tomado.

Sabe-se pela narração do *Cruzado*, que assistiu á tomada do castello de Silves, que o cerco desta cidade começou em 21 de julho e terminou com a sua entrega em 3 de setembro de 1189. Entregue a cidade, logo se entregaram os castellos *Carphanabal, Lagos, Alvôr, Parcimunt, Munchite, Montagut, Caboiere, Mussiene e Paderne*. O *Cruzado*, porém, que menciona os castellos, que se entregaram, acrescentando ainda o de Albufeira, não diz uma palavra com relação ao de Estombar. Logo em seguida á tomada do castello de Silves, partiu D. Sancho com as suas forças sobre Beja; e quando foi sobre Estombar?

Não se pode pôr em duvida a tomada do castello de Estombar no reinado de D. Sancho I, pois que este monarca fez delle doação ao convento de Alcobaça, em fevereiro de 1191. Fr. Vicente Salgado, a este proposito, escreve:

«Conquistada a Praça de Silves, meditam os nossos novas empresas militares. Voltam as forças sobre os castellos de Alvôr e de Abenabeci, que logo se rendem. Parece, pois, que de Lisboa D. Sancho I ordenou que se tomasse o castello de Estombar.»

E' bem expressa a doação de D. Sancho I, ao convento de Alcobaça, que começa:

«In nomine santæ et individuæ Trinitatis (A) e é confirmado pelo então bispo de Silves — *Nicolaus silviensis episcopus*. — Dos dizeres desta doação vê-se que era D. Sancho I rei de Portugal e do Algarve e traz a data de fevereiro de 1191. Portanto é indiscutível que o castello de Estombar foi conquistado por D. Sancho I.

Não durou muito tempo a posse do castello —

Abenabeci—nem de todos os mais castellos do Algarve, pois que Aben-Juseff, terceiro rei dos Almohades, unido com os reis de Sevilha e de Cordova, nundando Portugal, se apossaram de todo o Algarve. Desta vez, durante cincoenta e tantos annos, estiveram os mouros na posse dos castellos algarvios. Em tempo de D. Sancho II, achando-se em Aljustrel o grande D. Paio Peres Correia, desejou este descer ao Algarve e senhorear-se dos seus castellos. Consultou pessoa entendida nos caminhos e nas condições especiaes destes castellos e resolveu-se a vir accometel-os.

Antes de narrarmos este successo diremos algumas palavras com respeito á topographia da *Shombos mourisca*.

Quer-nos parecer, fundados na auctoridade de Alexandre Herculano, que a antiga *Shombos* estava encerrada dentro do castello, e que todo o povoado que hoje vemos, formando a Estombar moderna, é novo e recente. Sustenta aquelle escritor que fóra dos recintos amuralhados não havia a casa isolada ou povoação campestre, que sómente começou a apparecer da idade media em diante. Esta opinião é merecedora do nosso profundo respeito. Havia, é verdade, as chamadas *Villas*, mas estas eram simples *Quintas* de recreio de algum potentado, ou simples casa agricola, onde se guardavam as alfaias pertencentes á lavoura. Eram exactamente como as villas romanas, das quaes escreveu o sr. Leite de Vasconcellos o seguinte:

«Das villas romanas havia duas especies, conforme eram destinadas a rendimento (*Villæ rusticæ*) ou a prazer e conforto (*Villæ urbanæ*).» O *Portugal Antigo e Moderno* explica: «Até os fins do seculo XII o termo *Villa* tomava-se por uma grande ou pequena herdade, casal ou granja, comprehendendo terrenos com sua casa rustica e abegoaria para recolher os fructos e criar os gados. Segundo Columela, a villa dividia-se em *urbana*, *rustica* e *fructuaria*. A 1.^a constava de uma casa mais elegante em que o senhor da villa residia com a sua familia; a 2.^a era

caça pobre em que morava o colono ou feitor com a sua familia e constava tambem de curraes cobertos para os animaes de lavoura; a 3.^a era o que chamamos *adega* ou *celleiro*.

O auctor do livro *Os Luso-Arabes* escreve que Estombar era uma pequena aldeia, naturalmente encerrada dentro do Abenabeci.

Vamos transcrever a historia curiosissima da tomada do castello de Estombar tanto da segunda vez, quando as tropas de D. Paio desceram de Aljustrel contra o castello, como da terceira, quando as mesmas largaram o cerco de Paderne e novamente se apossaram de Estombar.

O Auctor anonimo da *Cronica inedita da conquista do Algarve*, encontrada por Fr. Joaquim de Santo Agostinho em agosto de 1788 no arquivo da camara de Tavira, referindo-se á conquista do castello de Estombar por D. Paio Peres Correia, escreveu:

« Ganhou mais este mestre (D. Paio) aos mouros auzulltrell que he em *campo de ourique* e estando neste luguar ouve concelho com os seus cavalleiros de que maneira podiam hir ao reyno do algarve, mas todos em hum acordo, por recearem a grande passagem da serra, lho estrovavão e ho mestre tendo em vontade de hir lá toda via veiho a fallar com um mercador que andava vendendo suas mercadorias antre os moros e xpãos a que chamavão Garcia Rodrigues e descobri-lhe a elle a vontade que tinha de conquistar aquella terra que era por serviço de deus e que o deixava de fazer porque não sabia todo o reino do Algarve, e os Reis que havia e como eram em grande desvairo huns com outros que era um dos azos porque mais ainda podia ganhar se lá fôce; e o mercadôr divisolhe o lugar por onde melhor passaria e levaria suas gentes mais a seo salvo, então cavalgaram os almagraves do mestre e partiram de auzulltrell e passarão a serra pela torre de ourique e andarão mui mançamente por os moros não haverem sentido delles, e ao primeiro lugar que chegarão foi á torre de estombre e aprove a deus que a tomarão muito a seo salvo e tanto que foi tomada en-

viarão loguo recado ao mestre, e elle com grande aprazer cavalgou loguo á preça com seus cavalleiros freires e levou suas guias e passou a serra, chegou á torre que os seus já tinham tomada etc. etc».

Quasi no mesmo estilo existe escrito um folheto que se acha na Bibliotheca Nacional, devido á pena de Fr. João de S. José, e por este denominado *Glosario* do reino do Algarve, o qual narra esta conquista de Estombar da seguinte fórma:

« No mesmo tempo que o mestre de S. Thiago, D. Paio Peres Correia, estava por fronteiro na Provincia da Andaluzia, trabalhou muito por tomar alguma fortaleza aos mouros no reino do Algarve, que tinha por visinho, confiado que como nelle metesse pé (como dizem) e tivesse onde recolher a gente que elle levasse tudo o mais lhe seria menos dificultoso. Estes desejos communicou por algumas vezes aos seus cavalleiros em que não achou conforme parecer, por que alguns sensuravão a empresa, pela aspereza da serra e ser muito povoada; e aos Mouros terem socorro pelo mar que lhe viria d'Africa, todas as vezes que ouvessem mister. Mas o Mestre, cujo coração era já favorecido da Graça do Senhor para este negocio, deliberou consigo não deixar de levar ao cabo, por dificuldade alguma que nisso lhe fosse posta, e falou em segredo com hum Garcia Rodrigues, Mercador, que tratava neste Algarve com os mouros e com os xpãos suas mercadorias, e nisto andou corrente; elle disse que seus desejos eram com ajuda do Senhor Deus, e por seu serviço, cobrar dos Mouros este Reyno do Algarve se podesse; para o que, havia em tão singular conjunção e aparelho, pelas discordias que sabia de certo que havia entre os Reis e senhores d'elle, e que se o já não tinha feito, era não conhecia a serra e não sabia por onde lhe convinha fazer as primeiras entradas; o que pois elle tudo bem sabia, lhe quizesse dizer o seu parecer verdadeiro, como bom xpão e homem, em cuja conta elle o tinha. E Garcia Roiz em que havia bom entendimento e juizo lhe deu logo para elle tão bom conselho e ardil, tão bom aviamento de tudo que

o Mestre apartou logo alguns dos seus corredores, por maneira dalmogadaria, e os mandou adiante com a instrução de Garcia Rodrigues a considerar a serra e fazer nella algum salto, onde melhor lhes parecesse. Os quaes partiram d'Aljustrel donde o Mestre estava, e passaram pela Torre d'Ourique e andarão de noite com muito senso, por não serem dos mouros sentidos, e o primeiro logar a que chegarão foi á torre d'estombar, e considerando a gente e guarda que nella havia, entenderão que estava despercebido e sem algum receio de xpãos, pello que deram de supito nelle com o maior impeto que poderão e aprouve a Deus, que tem muita força, e foi logo tomado.

«Esta nova mandarão logo ao Mestre que não com menos alegria que pressa fez prestes seus cavalleiros com que logo partiu, levando suas guias diante para descobrirem terra, e chegando a Torre, ouve prazer com os seus, louvando-lhes seus esforços e valentia. D'ali a poucos dias foi sobre a villa de Alvôr e a tomou e povoou de xpãos para que a povoassem e defendessem».

Por pouco tempo se conservou D. Paio, desta vez, na posse e dominio do castello d'Estombar, denominado *Abenabeci* entre os mouros, pois que na *Cronica* já citada, em que se faz a historia d'esta conquista, lê-se:

«Vendoce os mouros munto anoyados e preseguidos do mestre ouverão concelho huns com otros que lhe deem por partido ao mestre algum loguar mais fora do reyno por aquelles castellos, que elle tinha (Alvor e Estombar) donde lhes não fizece tanto dano e noyo como lhes fazia junto da cidade de Silves daquelles dous que já tinha ganhado e então acordarão de lhe darem Cacella por aquelles luguares ambos e isto fizeram porque Tavira era loguar mais fora do reyno; e fizeram saber isto ao mestre, e a elle aprouve muito porque o loguar de Cacella era forte e bom, e deixou-lhes então estombar e alvor por Cacella e dali cavalgou o mestre com suas gentes».

A este tempo já o mestre conhecia a força do

castello de Cacella, pois que já ali estivera, no tempo de D. Sancho II, quando ambos a conquistaram em seguida a Ayamonte.

Brandam, Parte I, livro 14, cap. 19, duvida deste partido dos castellos de Alvor e Estombar pelo de Cacella, que outras *Memorias* confirmam, por isso não temos duvida de lhe dar nossa fé».

Sabemos que pouco tempo depois já D. Paio andava em guerra com os mouros de Tavira, mas, aproximando-se o tempo das colheitas, estabeleceram treguas. Durante estas, os mouros, á traição, mataram nas Antas, proximo de Tavira, alguns cavalleiros do Mestre, e este então tomou á força o castello de Tavira, caiu sobre Sellir, que tambem foi tomada, e dirigiu-se contra Paderna. Na Monografia desta villa, ha pouco tempo publicada, fizemos a historia daquella traição.

Emquanto D. Paio cercava o Castello de Paderna, lembrou-se de acommeter o Castello de Estombar, mandando ali alguns dos seus cavalleiros, que facilmente o conquistaram. Sabendo Aben-Afan, rei de Silves, que as forças de D. Paio iam caminho a tomar Estombar, e suppondo que o Mestre commandava estas forças, saiu de Silves e foi reforçar Estombar. Então o Mestre, prevenido deste facto, levantou as suas forças de Paderna e caiu sobre Silves. Sabendo Aben-Afan que o castello de Estombar já fôra tomado pelos christãos, voltou a Silves, mas já ali encontrou o Mestre, sitiando a cidade. Houve então grande combate. Eis como a *Cronica* narra este combate:

«Depois que a Villa de tavira caiu em poder dos Chrisptaons e depois que o mestre a teve segura, foi a Sellir e tomou-o por força e antão foi cercar Paderna, que é um castello forte e mui bom de grão comarca em de redôr, entre albufeira e a serra, e estando sobre elle mandou gente que tomasse a torre de estombar, que dantes fôra sua, e a gente foi lá e a tomou segunda vez; e quando Almafom, seu rei delles que estava em Silves, soube disto, saiu da cidade com as suas companhas, porque lhe diceram estava ali o mes-

tre com todo o seu poder; e o mestre tanto que o rei estava fora de Silves alçou-se sobre paderna e veiu lançar-se sobre Silves. Almafom (Aben-Afan) indo para Estombar achou novas que não era ali o mestre e que ali não estava mais gente do que aquella que tomara a torre e a defendiam; e logo mui á pressa se tornou para Silves e se temeu do que era, e o mestre lhe lançou uma sillada, pois lhe tinha já tomado as portas e a gente repartida por ellas; e quando o rei Almafom isto viu, querendo entrar por força pela porta chamada Zoia, encontrou-se com ho mestre que tinha a guarda della, e como o rei vinha com todos os seus juntos, ali se viu ho mestre em grandes trabalhos, e foi a pelleija em hum campo junto da Villa, onde hoje está uma igreja que se chama Santa Maria dos Martires; e os moros fizeram muito por cobrar a porta e se meterão sobre a torre da Zoia, mas esto nada lhes prestou porque os chrispaons andavam com elles e entraram prontamente pela porta e ali foi a pelleija tão grande que mais chrispaons morreram ali que em outro logar que se tomasse no Algarve. O rei mouro quiz acolher-se pelo postigo da traição e achou o postigo embargado, quiz entrar por outra porta, mas achou cerrada, e então desesperado deu de esporas ao cavallo e fugiu, e passando por um pego afogou-se e ali o acharão depois morto e agora chamam aquelle luguar o pego de almafom, (ou o *pego do pulo*, como hoje se diz).

Esta narração termina com a lenda que dá o rei afogado num pego. O rei não morreu afogado. (B) Deu-nos ainda muito que fazer, não com as armas, mas com a diplomacia. Foi elle quem fez doação a favor de D. Affonso X de Hespanha das terras que dizia possuir no Algarve, motivando assim as questões que chegaram a tornar-se perigosas no tempo de D. Affonso III, rei português. Saindo de Silves forçado por D. Paio, *Aben-Afan*, como lhe chamam os nossos cronistas, mas entre os arabes *Ibn-Maffot*, conservou-se escondido por algum tempo em uma das cavernas de Estombar, e dali partiu para Niebla.

E desde que o Castello foi tomado desta ultima vez, não mais delle se falou.

Suppozemos por muito tempo que este castello ficasse de todo arruinado com o tremor de terra de 1755, mas lendo a descripção que o paroco Lourenço da Cunha fez do tremor em Estombar naquelle anno, vimos que estavamos em erro. O silencio do padre em relação ao castello convence-nos de que nessa occasião já não existia; o que nos não causa admiração, pois lendo casualmente um manuscrito de 1577, devido á penna de Fr. João de S. José, onde se faz a descripção de todo o Algarve, não encontramos a mais pequena referencia a Estombar nem ao seu castello. Certamente já a esse tempo o castello não existia.

Fomos visitar este castello na companhia do nosso illustre primo Antonio Judice de Magalhães Barros e do reverendo paroco de Estombar, Joaquim R. Vieira. Não nos resolviamos a escrever este capitulo sem pessoalmente o visitar. Está hoje reduzido a um simples muro, emergindo de um quintal de prédio particular, e cercado de predios urbanos, de pequeno valor. Emquanto os nossos companheiros, subindo o muro por degraus nelle abertos a picão, calculavam a direcção provavel do antigo castello, nós diligenciavamos descobrir no solo e nas arestas do muro a resolução do mesmo problema. Então pareceu-nos divisar por entre os ramos de uma arvore, que nos pareceu um loureiro, os olhos formosos de uma beldade. Recordando-nos nesse momento dos versos da poesia tradicional, intitulada — *Almendo* — assim colligidos:

«Deita olhos a um loureiro,
Vê um rosto que sorria,
Seu fino cabelo de ouro
Toda la rama cobria,
O lindo olhar dos seus olhos
Em todo o monte lumbria...

estivemos quasi a perguntar:

Que fazeis aqui, senhora,
Quem aqui vos prantaria?
Ai! quem veiu aqui deixar-vos
Nesta chapana sombria?
Contai-me la vossa historia
Que eu por gosto a escutaria.

receiando, porém, de que do loureiro saísse alguma triste moura encantada, nos tocasse com os seus delicados dedos, e nos roubasse os santos oleos recebidos no baptismo, largamos apressadamente o campo de observação e reunimo-nos aos nossos companheiros, que a esse tempo tinham descido o muro, que hoje representa o antigo Castello. Affirmamos com toda a verdade que desse castello — guarda avançada contra os christãos — apenas resta um pequeno muro para onde as crianças sobem em procura das florinhas azues que ali brotam expontaneamente das suas arestas.

Se fomos materialista, imaginariamos conferencias do muro para as crianças, em que elle affirmaria: «Cobre-me a epiderme o velho musgo, veste forçada das construcções decrepitas, e todavia sou uma criança á vista dessa veneranda cidade, milhares de annos mais velha do que eu. Fui valente e destemido, mas cahi no campo da batalha vencido pelos vossos ascendentes. Esperava que a vossa geração me conservasse como reliquia, mas enganei-me. Vossos pais foram heroes, mas a descendencia abastardou-se até ponto tal, que nem ainda conservaes registada a historia da minha existencia. Sois uma raça de ignorantes, pois nem destes ainda um passo para descobrir o nome da velha cidade que povoou esta região em vetustos tempos. Tive uma vida que, sendo descrita, constituiria um poema, e todavia não escrevestes ainda um verso d'esse poema. Que pequeninos sois!...»

E com certeza o muro diria mais alguma cousa, se lhe déssemos licença de falar por mais tempo ás crianças, que lhe trepam sobre o costado nas tardes amenas do estio ou nas noites do luar. Receíamos porém de que o muro se sirva de *balda certas* e pre-

ferimos que elle continue a guardar o silencio das cousas inanimadas.

Para afastar qualquer ideia romantica deste nosso trabalho, entendemos necessaria a seguinte explicação: a arvore que, ao primeiro relancear de olhos, nos pareceu um loureiro, era simplesmente uma figueira lampa com o seu fructo já bastante desenvolvido, pois estavamos em maio de 1910.

Já emitimos a opinião de que o castello de Estombar fosse construcção muçulmana e quer-nos parecer que o seu nome commemore talvez o nome do personagem que o mandou construir. O nome dado ao castello — *Abenabeci* — está a recordar o nome de um arabe que certamente não seria Aben-Afan — mas poderia muito bem ser Aben-Beir — ou nome semelhante.

Bem escreveu o Auctor *d'Os Luso-Arabes*, algures: — «commemorando factos d'aquelles tempos talvez preste algum serviço; pelo menos o de lembrar que o periodo medieval no nosso paiz está envolto em trevas — não da ignorancia de então, mas da ignorancia de agora. — Se o muro do castello tem lançado em rosto ás criancinhas de Estombar a nossa ignorancia, o muro tem muita razão.



8

**COLECCÃO TEMAS E
ESTUDOS ALGARVIOS**